

O objecto do ensino gramatical configurado pelos manuais de gramática do 1º ciclo de escolaridade

Íris Pereira, Ana Canário, Alberta Gomes, Angelina Mesquita, Carmo Pinto, Emília Andrade & Graça Teixeira

Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho

Introdução

Neste texto apresentam-se os principais resultados de um estudo que tomou gramáticas escolares para o 1º ciclo de escolaridade como objecto de observação¹. Foram dois os principais objectivos que orientaram a realização desse trabalho:

- i) caracterizar o objecto gramatical que é alvo de transmissão escolar no 1º ciclo tal como configurado pelos manuais de gramática para esse nível de escolaridade. Estas conclusões são apresentadas na Parte I deste texto;
- ii) aferir, em função das conclusões obtidas, da necessidade e da possibilidade de renovação dos conteúdos linguísticos presentes neste instrumento pedagógico, de que a Parte II deste texto dá conta.

Para o efeito, foi reunido um *corpus* de 16 gramáticas, datadas de 1997 a 2003², e na análise realizada aos seus conteúdos foram considerados, como referência, textos programáticos e textos de âmbito linguístico. Entendeu-se levar a cabo esta múltipla aproximação na medida em que, como adverte Rui Vieira de Castro (1995:84), na construção de um qualquer objecto de transmissão pedagógica realizada pelo texto escolar articulam-se *o campo científico*, fonte principal do conhecimento, e *o campo pedagógico*. Neste último, o texto programático é a entidade-chave, enquadrando a prática de transmissão escolar de qualquer conhecimento científico e a elaboração dos manuais escolares. O refe-

¹ Neste texto, sistematizam-se os resultados de seis trabalhos de Projecto do Curso de Complemento na vertente de Língua Portuguesa, realizados no Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, no ano lectivo de 2002/2003. Para referências completas, consulte-se a bibliografia anexa.

² A delimitação temporal realizada não é arbitrária. Decidiu-se recuar a pesquisa a 1997 já que essa data coincide com a publicação do texto da autoria de Sim-Sim, Duarte & Ferraz (1997), que, embora não sendo uma revisão curricular, marca o início do processo oficial de reformulação do currículo nacional, processo esse que culminou com a publicação do documento ME (2001a).

rido autor é, aliás, muito claro sobre a centralidade da entidade curricular neste processo de construção do objecto de ensino: “aos textos programáticos estão cometidas as funções de concretização e de regulação. Concretização das orientações gerais da política educativa que se realiza tendo em conta, também, os discursos dos domínios científicos de referência. Regulação que se traduz na criação de universos de referência para as acções pedagógicas, quando se estabelecem objectivos, se definem conteúdos, se propõem formas de transmissão; mediatamente, quando se define o quadro para a elaboração dos manuais escolares” (idem: 74).

Muito embora este autor tenha delimitado o âmbito do seu estudo ao objecto gramatical configurado pelas gramáticas dos actuais 2º e 3º ciclos da escolaridade básica e do actual ensino secundário, assumiu-se, no estudo que o presente texto relata, que as mesmas premissas metodológicas seriam válidas na análise do objecto de ensino configurado pelas gramáticas do 1º ciclo. No diagrama nº 1, esquematiza-se a forma como o manual de gramática, o texto programático e o texto científico foram aqui considerados contrastivamente, na tentativa de “avaliar as exclusões, as integrações, as reorganizações realizadas, de forma a poder-se inferir alguns dos princípios de constituição do discurso pedagógico” (idem: *ibidem*):

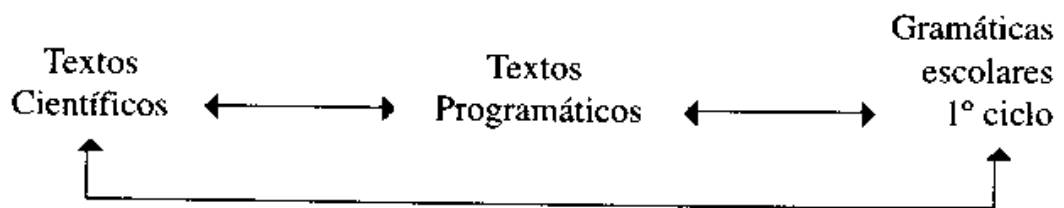


Diagrama nº1: Esquematização do tipo de análise realizada.

Parte I

Com base numa sistematização teórica, obtida a partir de gramáticas descritivas e de manuais de linguística, foram analisados os seguintes conteúdos: definição de nome, adjectivo, determinante e pronome; definição de frases simples e frase complexa por subordinação e por coordenação; e definição de constituintes e funções sintácticas da frase simples. A seguir, enumeram-se as principais conclusões a que se chegou nesta análise.

1. As gramáticas escolares do 1º ciclo vs o currículo

1.1. O texto curricular de 1990 vs o texto curricular de 2001

Antes de descrever as conclusões a que se chegou a partir da análise contrastiva daquelas duas entidades, é relevante referir a clara falta de sintonia que existe entre os dois textos curriculares considerados.

Tendo em consideração os conteúdos especificados para o domínio do Funcionamento da Língua do *Programa do 1º Ciclo de Escolaridade Básica*, em vigor desde 1990, verifica-se que alguns foram suprimidos, outros reformulados e outros acrescentados nos conteúdos indicados no documento *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*, publicado em 2001, na secção agora designada de “competência específica do Conhecimento Explícito”. A análise das gramáticas posteriores a esta data mostra que apenas em algumas se atende a estas mudanças. Os quadros 1, 2 e 3 abaixo sistematizam os principais resultados obtidos a partir da comparação do quadro de referência estabelecido em 2001 (e entre este e o de 1990) com o estado de coisas encontrado nas gramáticas do 1º ciclo posteriores a 2001.

Conteúdos do programa de 1990 (pp.122-123, itálico nosso) suprimidos no documento de 2001	Gramáticas posteriores a 2001
“verificar a mobilidade de alguns elementos da frase”;	Duas gramáticas posteriores a 2001 não fazem referência à mobilidade de elementos (podendo pois ser consequência das orientações oficiais), mas duas fazem-no ainda;
“Identificar numerais cardinais e ordinais”;	Referências aos numerais;
“Substituir elementos da frase por determinantes possessivos e demonstrativos”.	Referências aos determinantes ³ .

Quadro1: Conteúdos suprimidos pelo ME em 2001 mas ainda presentes nas gramáticas posteriores.

Conteúdo do programa de 1990 (p. 122, sublinhado nosso)	Conteúdo reformulado no documento de 2001(p. 35, cf. nota 5/ Sim-sim <i>et alii</i> , 1997:85-86, itálico nosso)	Gramáticas posteriores a 2001
“Distinguir, em frases, os elementos fundamentais (por expansão e por redução)”.	“Descoberta e identificação de funções sintácticas centrais”.	Numa das gramáticas, há uma secção intitulada “expansão e redução da frase”.

Quadro 2: Conteúdos reformulados pelo ME em 2001 mas ainda presentes nas gramáticas posteriores.

³ Curiosamente, na Prova de Aferição do 4º ano do Ensino Básico de 2001, pede-se aos alunos para identificarem um determinante possessivo (cf. ME , 2001b :13).

Conteúdos do documento de 2001 (p. 35, cf. nota 5/5/Sim-sim <i>et alii</i> , 1997:85-86, sublinhado nosso) acrescentado face ao programa de 1990	Gramáticas posteriores a 2001
"Identificação do tipo de <i>relação entre acontecimentos ou situações expresso por conectores de subordinação já usados oralmente</i> "	Numa gramática datada de 2003, uma das secções intitula-se "conjunções subordinativas", mas duas gramáticas do ano 2002 incluem secções dedicadas à frase composta e à frase composta por subordinação.
"complemento de <i>objecto directo</i> "	Apenas 4 referem o conteúdo "complemento directo", sendo 1 gramática de 2001, 2 do ano de 2002 e 1 de 2003. É, portanto, possível que a inclusão deste conteúdo tenha sido feita, nas duas últimas gramáticas, com base nas recentes orientações curriculares. Todavia, a formulação deste conteúdo é muito deficiente. Diz-se que complemento directo é "a palavra ou palavras que designam o ser que depende directamente do verbo"; "palavras que se acrescentam a alguns verbos"; "é a expressão sobre a qual recai a acção expressa pelo verbo". Uma gramática apenas ilustra o conceito, não o definindo. De referir que uma gramática de 2002 não faz referência ao conteúdo.

Quadro 3: Conteúdos acrescentados pelo ME em 2001 e o tratamento que lhes é dado pelas gramáticas posteriores.

1.2. As gramáticas escolares do 1º ciclo vs os textos curriculares

A partir da comparação dos conteúdos das gramáticas escolares com os textos curriculares referidos, constata-se a existência de uma falta de sintonia entre ambos, na medida em que:

- i) os textos escolares contêm vários assuntos que não estão oficialmente previstos. Assim, em nenhum texto, seja o de 1990 seja o de 2001, se prevê o estudo das frases coordenadas e das frases subordinadas; igualmente em nenhum se prevê o estudo da função sintáctica de complemento indirecto ou do designado *grupo móvel*. Todavia, todos estes conteúdos se podem encontrar nas gramáticas escolares anteriores e posteriores a 2001;
- ii) há textos escolares que não abordam conteúdos estabelecidos no currículo, tais como a noção de frase (numa gramática); a nomenclatura que designa os graus dos adjectivos (noutra gramática); o grupo nominal e grupo verbal (em seis gramáticas); a noção de sujeito e de predicado (em três gramáticas).

2. As gramáticas escolares do 1º ciclo vs os estudos linguísticos

É muito extensa e generalizada a falta de sintonia entre os conteúdos contemplados nas gramáticas do 1º ciclo e as descrições linguísticas. Foram detectadas, pelo menos, quatro situações diferentes:

- i) incorporação insuficiente de informação linguística. Na formulação dos conteúdos encontram-se informações vagas, como, por exemplo, na definição de frase como “com sentido completo” ou “correspondendo à realidade”; de frase composta como “exprimindo duas ideias” ou “duas afirmações”; na caracterização dos adjectivos como “importantes para nos exprimirmos melhor”; na caracterização confusa do SV como “o predicado da acção”;
- ii) incorporação incorrecta de informação linguística. É possível encontrar exemplos como os seguintes: os determinantes “determinam o género e o número dos nomes”; os pronomes substituem os nomes (seguido de um exemplo como “*O Paulo lê um livro. Ele leu um livro.*”); o adjectivo “pode existir ou não no sujeito. É facultativo”; o GN e o GV são os elementos fundamentais da frase; o GN é o sujeito da frase; ou o sujeito é “quem pratica a acção” ou o constituinte que responde às perguntas “quem? ou Quem fez?”; o “predicado como a acção praticada”.
- iii) incorporação de informação que não tem origem nas descrições linguísticas (pelo menos, nas actuais). O caso mais evidente é o da apresentação do *grupo móvel* como terceiro constituinte da frase, ao lado do sujeito e do predicado, e a identificação exclusiva deste *grupo móvel* com os constituintes com função circunstancial na frase (mesmo quando, na mesma página da gramática, se mostra como também o sujeito e o predicado podem ter ordens diferentes numa frase). Este conteúdo aparece ainda em gramáticas posteriores a 2001;
- iv) não incorporação de informação linguística nas gramáticas escolares. Já antes se referiu a inclusão (oficialmente não prevista) dos numerais nas gramáticas pós-2001, e neste momento acrescenta-se que essas palavras, juntamente com os indefinidos, são comumente classificados como determinantes. Não se faz referência à classe dos quantificadores: a classificação patente é a tradicional.

3. Gramáticas do 1º ciclo e textos curriculares vs o processo de aquisição da linguagem

Da análise dos textos oficiais também ressaltou algum desfasamento entre os conteúdos linguísticos, quer previstos no currículo quer actualizados nas gramáticas do 1º ciclo, e os resultados dos estudos do processo de aquisição da linguagem. As informações provenientes deste campo de investigação são cruciais para a programação do ensino da gramática, já que a reflexão linguística só poderá ser bem realizada sobre estruturas que já sejam

implicitamente dominadas pela criança (cf. Sim-Sim, 1998:225). No documento de 2001, é evidente um esforço no sentido de atender aos dados deste campo linguístico, já que se prevê, por exemplo, a identificação do tipo de relação entre acontecimentos ou situações expresso por conectores de subordinação já usados na linguagem oral.

Curiosamente, no mesmo documento deixa-se de lado os conectores de coordenação, sendo que todas ou quase todas as estruturas coordenadas estão dominadas pela criança do 1º ciclo (cf. Villiers & Villiers, 1984; Sim-Sim, 1998; Serra *et alii* 2000; Costa & Santos, 2003).

Também muito relevante é o facto de haver gramáticas para o 1º ciclo que incluem as estruturas relativas entre os conteúdos de estudo, sabendo-se que o processo de aquisição deste tipo de frase complexa ainda não está completo no final do 1º ciclo de escolaridade (cf. Vasconcelos, 1991).

4. Outras conclusões

A análise destas gramáticas escolares permitiu ainda constatar que:

- i) Frequentemente, o conhecimento gramatical que é construído num determinado momento não é reutilizado pelas gramáticas na construção de outros conhecimentos gramaticais subsequentes. Por exemplo, a definição de frase nunca faz uso de aspectos de morfologia verbal ou nominal; em muitas gramáticas, a definição de GN não faz uso da noção “nome”; raramente a definição de frase complexa faz uso da noção de sujeito ou de predicado;
- ii) o conhecimento gramatical não é utilizado pelas gramáticas para o aperfeiçoamento de outras competências. Por exemplo, pronominalização e construções com frases complexas são estruturas cruciais para leitura e escrita de textos (cf. Irwin, 1986; Giasson, 1993), mas os exercícios das gramáticas nunca contemplam essas situações. Apesar de referida ao nível dos princípios e metas de desenvolvimento, quer em 1990, quer em 2001, a instrumentalização do conhecimento gramatical também não é, na verdade, devidamente estabelecida nos textos programáticos, porque nada nesse sentido transparece nos níveis de operacionalização/ objectivos de desenvolvimento ou nas actividades listadas. Ainda assim, se em 1990 se estabelecia a necessidade de os alunos saberem “aplicar os pronomes pessoais ligados às pessoas do discurso” (ME, 1990:122-123), o que poderia abrir caminho a um trabalho de âmbito textual, em 2001 não há menção a este tipo de trabalho com a referência pronominal. No texto programático mais recente aparece, como já dito, a indicação para que os alunos procedam à “identificação do tipo de relações entre acontecimentos ou situações expresso por conectores de subordinação já usados oralmente”, mas também não é claro se esse trabalho deverá ser textual ou meramente localizado em frases soltas.

Muito do que aqui acaba de ser descrito sobre o objecto de ensino gramatical configurado pelas gramáticas do 1º ciclo reproduz, de perto, as conclusões de outros estudos sobre o objecto do ensino gramatical no mesmo ou noutros níveis de ensino (Castro, *op. cit.*; Figueiredo, 1999). Com efeito, com Castro (1995) pode afirmar-se que “estas conclusões testemunham um processo de constituição e transmissão da informação linguística em contexto pedagógico afectado por várias desarticulações e, até, contradições” (idem: 445).

No início da realização deste estudo, foi tido em conta que “a pedagogização de um campo disciplinar, de uma disciplina, ou de um produto da investigação, porque supõe uma descontextualização de conteúdos seguida de uma sua recontextualização num quadro distinto do 1º, envolve a construção de um objecto “outro”” (idem:93). Desta feita, sabia-se que os conteúdos gramaticais, enquanto objecto de ensino do 1º ciclo e que se pretendia caracterizar com este estudo, são necessariamente diferentes dos conteúdos linguísticos originais. Assim se entende que, por exemplo, em todas as gramáticas em análise, a definição de frase se construa sempre (e quase) exclusivamente com base em aspectos ortográficos (i.e., “frase inicia-se sempre com letra maiúscula e termina com um sinal de pontuação”). A focalização sobre estes aspectos é de certa forma justificada dado o contexto de aprendizagem da linguagem escrita que o 1º ciclo constitui.

Todavia, o que foi possível verificar vai muito além do que seriam operações de selecção, adaptação ou simplificação do conhecimento linguístico, esperáveis num contexto educativo.

Assim, conclui-se que também as gramáticas escolares do 1º ciclo são textos dotados de alguma autonomia face aos textos programáticos e de bastante autonomia face aos textos linguísticos. Nestas gramáticas escolares:

- i) procede-se frequentemente à **expansão, alteração e** por vezes à **eliminação** do que é proposto nos textos programáticos, o que traduz um controlo oficial difícil sobre os textos escolares gramaticais;
- ii) inclui-se informação linguística **distorcida e incorrecta** ou então **não se considera informação disponibilizada pelas descrições linguísticas**, e a informação que provém de outros campos dos estudos linguísticos, como dos estudos do processo de aquisição de linguagem, é **pouco considerada**.

No manual de gramática escolar do 1º ciclo, o conhecimento linguístico educacionalmente válido apresenta por isso um considerável distanciamento do conhecimento produzido no campo científico, sendo por vezes “aquele que decorre de anteriores operações de recontextualização realizadas no campo pedagógico” (Castro, 1995:256). Com efeito, a leitura dos textos programáticos de 1980 desvenda já conteúdos que sobrevivem ainda hoje nas gramáticas escolares à revelia das orientações oficiais mais recentes, como é o caso do grupo móvel e das frases coordenadas e subordinadas.

Este quadro de acentuado isolamento (Rui Vieira de Castro (1995: 442), referindo-se às gramáticas do 2º e do 3º ciclo, fala de **insularidade**) a que também parecem estar

voltadas as gramáticas do 1º ciclo não se verifica apenas face ao exterior (i.e., face ao campo científico e curricular). Também a própria gramática escolar está construída de uma forma que acaba por insular os conteúdos gramaticais face aos outros conteúdos do domínio da Língua Portuguesa, gramaticais ou não. Como ilustrado acima, o conhecimento que é progressivamente construído durante o texto gramatical não é, contra aquilo que seria desejável, reutilizado no desenvolvimento de outros conhecimentos gramaticais nem no desenvolvimento de outras competências linguísticas essenciais, como é o caso da leitura e da escrita.

Parte II

Os alunos do 1º ciclo não mostram desempenhos baixos na competência específica de conhecimento gramatical. No relatório nacional dos resultados das Provas de Aferição do Ensino Básico do 4º ano, pode ler-se: “o desempenho dos alunos nestas competências [funcionamento da língua] foi globalmente positivo tendo a maioria (58% a 79%) atingido os níveis máximos dos itens que avaliam” (ME, 2001b:14). Isto não significa, todavia, que o contexto pedagógico que enquadra esta aprendizagem “goze de perfeita saúde”. Efectivamente, as conclusões a que foi possível chegar sobre a qualidade dos conteúdos das gramáticas do 1º ciclo apontam indiscutivelmente no sentido de uma mudança necessária na sua construção, sobretudo se se atende a que, no processo de ensino-aprendizagem destes conteúdos no 1º ciclo (tal como noutros níveis de escolaridade (cf. Castro, 1995)), as gramáticas são a referência mais imediata a que recorrem os professores de língua.

O actual contexto curricular não parece ser muito favorável à alteração deste quadro, dadas as divergências detectadas nos dois textos oficiais que presentemente regulam a elaboração dos textos gramaticais. Como referido logo no início da Parte I, estão actualmente em circulação o *Programa do 1º Ciclo*, de 1990 e o *Currículo Nacional do Ensino Básico*, de 2001. Estes textos apresentam-se como complementares mas, na realidade, mostram incongruências que poderão eventualmente estar a reflectir-se já na elaboração dos manuais de gramática. Torna-se, pois, necessária uma clarificação do texto que, na verdade, se espera que marque o norte na elaboração destes manuais escolares.

Outros aspectos há a considerar se se quiser melhorar o quadro descrito na Parte I. Como se viu, a elaboração do manual de gramática facilmente contorna as orientações curriculares e se sustenta na tradição do ensino gramatical, o que também não é desejável. Um melhor controlo sobre a sua elaboração poderia alterar esta situação. Também se espera que quem elabora as gramáticas escolares seja capaz de alterar o processo predominante de construção do conhecimento gramatical, que, tal qual se apresenta é quase “estéril”, proporcionando em alternativa a emergência de um conhecimento gramatical verdadeiramente útil para os alunos.

Por fim, não pode ignorar-se a importância da intervenção do professor em todo este processo. A falta de atenção prestada aos professores no momento de lhes fazer chegar novos ou renovados instrumentos de regulação da prática pedagógica tem tido um efeito

perverso, pois, não obstante todo o esforço realizado ao nível oficial, os professores não interpretam devidamente o que lhes é dito (ou nem tentam...) porque não têm formação suficiente. É, pois, premente (in)formá-los, visto que, de outra forma, nenhuma mudança será observável na prática, mesmo quando as inovações constem já dos livros de gramática!

Referências

1. Textos oficiais

- Ministério da Educação e Ciência (1980) *Programas do Ensino Primário*. SEE.
ME (1990) *Programa do 1º ciclo do Ensino Básico* DGEBS.
ME (2001a) *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*.
ME (2001b) *Provas de Aferição do Ensino Básico. 4º e 6º anos – 2001. Relatório Nacional*.

2. Gramáticas do 1º ciclo

- Amado, M. D. (2001) *A Nova Gramática da Abelhinha*. Porto: Porto Editora.
Andersen, V. (2001) *Caminhar na Gramática*. Gaia: Edições Gailivro.
Barbosa, B. (2001) *Comunicar é Fácil*. Gaia: Edições Nova Gaia.
Coelho, António Quaresma (Org.) (2000) *Projecto Vila Moinho, Gramática 3º / 4º anos*. Porto: Constância.
Correia, N. (2001) *Gramática Júnior de Língua Portuguesa*, 2ª edição. Lisboa: Texto Editora.
Costa, L.M. (2001) *A Minha Gramática*. Porto: Editora A Educação Nacional.
Dias, A. R. (1997) *Gramática Portuguesa*. Lisboa: Editorial O Livro.
Dinis, C. e Ferreira, L. (2002) *Gramática Prática*. Porto: Porto Editora.
Ferrão, M. C. e Ftóis, J. (1997) *Era uma vez... uma gramática em histórias*: Lisboa: Plátano Editora.
Gomes, A. e Rolha, J. (2002) *Gramática – Gramática Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
Letra, C. (2001) *Nova Gramática*. Gaia: Edições Gailivro.
Letra, C. (2001) *Gramática do Avozinho – 3º ano*. Gaia: Edições Gailivro.
Letra, C. (2002) *Gramática do Avozinho – 4º ano*. Gaia: Edições Gailivro.
Lima, F. e Dinis, M. C. (2003) *A Gramática da Ana e do Rui*. Porto: Porto Editora.
Neto, H. (2001) *Gramática Despertar*. Maia: Edições Livro Directo.
Ramalho, M. (2000) *Gramática Aplicada*. Porto: Porto Editora.

3. Bibliografia geral

- Castro, R. V. (1995) *Para uma Análise do Discurso Pedagógico. Constituição e Transmissão da Gramática Escolar*. Braga: IEP-CEEP.
Costa, J. & Santos, A. L. (2003) *A falar com os bebés – o desenvolvimento linguístico das crianças*. Lisboa: Caminho.

- Figueiredo, O. M. (1999) O Manual Escolar de Português – Que ponto de intersecção entre a gramática e o discurso? In: Castro, R.V. et al. *Manuais Escolares. Estatuto, Funções, História. Actas do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares*. Braga: IEP – CEEP.
- Giasson, J. (1993) *A Compreensão na Leitura*. Rio Tinto: Asa (tradução portuguesa do original em francês, 1990)
- Irwin, J. (1986) *Teaching Reading Comprehension Processes*. Prentice Hall.
- Serra, M. et alii (2000) *La adquisición del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel.
- Sim-Sim, I., Duarte, I. & Ferraz, M. J. (1997) *A Língua Materna na Educação Básica*. Lisboa: ME.
- Sim-Sim, I. (1998) *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Vasconcelos, M. (1991) *Compreensão e Produção de Frases com Orações Relativas. Um Estudo experimental com Crianças dos três anos e meio aos oito anos e meio*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Villiers, P. A. de & Villiers, J. G. de (1984) *Primer lenguaje*. Madrid: Ediciones Morata (tradução espanhola do original em inglês).

4. Trabalhos de Projecto do Cursos de Complemento na vertente da Língua Portuguesa que estiveram na base da elaboração deste texto

- Andrade, E. (2003) *Explicitação de frase complexa e de frase complexa coordenada nas gramáticas do 1º Ciclo do Ensino Básico*. Trabalho de Projecto de Curso de Complemento na vertente da Língua Portuguesa, apresentado no Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- Canário, A. (em preparação) *Explicitação de frase complexa e de frase complexa subordinada nas gramáticas do 1º Ciclo do Ensino Básico*. Trabalho de Projecto de Curso de Complemento na vertente da Língua Portuguesa, apresentado no Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- Gomes, A. (2003) *Explicitação do conhecimento linguístico sobre frases e não frases, frases aceitáveis e não aceitáveis nas gramáticas do 1º Ciclo do Ensino Básico*. Trabalho de Projecto de Curso de Complemento na vertente da Língua Portuguesa, apresentado no Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- Mesquita, A. (2003) *Explicitação dos constituintes de frase e das respectivas funções sintácticas nas gramáticas do 1º Ciclo do Ensino Básico*. Trabalho de Projecto de Curso de Complemento na vertente da Língua Portuguesa, apresentado no Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- Pinto, C. (2003) *Explicitação das classes de nome e de adjectivo nas gramáticas do 1º Ciclo do Ensino Básico*. Trabalho de Projecto de Curso de Complemento na vertente da Língua Portuguesa, apresentado no Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- Teixeira, G. (2003) *Explicitação da classe de determinante e da classe de pronome nas gramáticas do 1º Ciclo do Ensino Básico*. Trabalho de Projecto de Curso de Complemento na vertente da Língua Portuguesa, apresentado no Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.